
RECENSÕES / BOOK REVIEWS

FISICHELLA, Rino. *La nueva evangelización*. Tradução (do italiano) José Pérez Escobar. Santander: Sal Terrae, 2012. 150 p., 21 cm x 14,5 cm. Coleção Presencia Teológica. ISBN 978-84-293-2003-9.

No pontificado de João Paulo II, agitou-se a temática da Nova evangelização. Multiplicaram-se conferências, congressos, artigos e livros sobre ela na intenção de esclarecer o sentido da proposta do papa. Fisichella faz eco de onda com competência. Como ex-professor de teologia fundamental na Pontifícia Universidade Gregoriana e ex-reitor da Pontifícia Universidade Lateranense pertenceu ao alto escalão acadêmico de Roma. Além disso, Bento XVI o nomeou para planejar e coordenar o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. Totalmente enfronhado em tal problemática, oferece-nos o presente livro como verdadeiro programa para aprofundá-la.

Inicia o livro com o fato autobiográfico do encontro com o Papa Bento XVI em que o Papa lhe confere a missão, “cortada segundo a medida para ele”, [auf den Leib geschneidert] na expressão do Mons. Gänswein, que lhe anunciara a audiência. Tratava-se de confiar-lhe a presidência do novo dicastério para a nova evangelização. Considerou a proposta do Papa de intuição profética, ao refletir sobre a situação presente da Igreja e pensá-la, como responsável de manter e transmitir patrimônio vivo de cultura e valores. Daí a necessidade de pensar uma nova evangelização. A Igreja já experimentou, ao longo da história momentos em que teve de relançar a evangelização. Hoje estamos vivendo situação semelhante.

A iniciativa do Papa brota, como fruto maduro do Concílio Vaticano II, na sequência da Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI e da insistência de João Paulo II que, em várias situações, usara tal expressão.

Num primeiro momento, o A. trata de precisar a compreensão de nova evangelização. Parte do fundamento na ação evangelizadora de Jesus que anuncia o Reino de Deus. Embora a realidade da evangelização seja dos inícios da fé cristã, o termo remonta aos tempos da Reforma. E a sua nova significação vem de Puebla e dos discursos de João Paulo II. Faltou talvez aludir a Medellín, que antes de Puebla a usara em perspectiva nova. Menciona rapidamente a dupla expressão re-evangelização e nova evangelização, preferindo a última .

Ao abordar o atual contexto evangelizador, analisa o fenômeno de secularização que tende ao secularismo com enorme desafio à fé cristã.

O homem moderno sente-se abandonado e perdido em face da crise na qual se mergulhou o Ocidente. Cabe ir além de tal crise. E nesse sentido, espera-se a contribuição que a nova evangelização oferece.

Ao analisar-lhe conteúdo, método e desenvolvimento, o A. põe no centro a pessoa de Jesus Cristo. Nenhuma evangelização, antiga ou nova, se entende descolada do que o autor da carta aos hebreus afirmou de maneira contundente: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8) para em seguida alerta-nos: “Não vos deixeis extraviar por qualquer espécie de doutrina estranha” (v.9). E como método, pede São Pedro que estejamos “sempre prontos a dar a razão da [nossa] esperança a todo aquele que a pedir” (1Pd 3, 15). Não esqueçamos que a crise atual vai mais fundo, levantando a própria questão de Deus.

Por ser exigência permanente, toca-nos perguntar em que lugares o momento atual nos oferece para evangelizar. Ao olhar para dentro da Igreja, a liturgia excele. Se nos voltamos para fora, a caridade, o ecumenismo, as massas de migrantes e os meios de comunicação social nos abrem enorme campo de evangelização.

Ao trabalhar as perspectivas da nova evangelização, o A. parte da provocação de um discurso do Card. Gerlier em Congresso sobre Evangelização de 1947. Nele ele contrapunha a perenidade do objetivo permanente da Evangelização e a necessidade de mudança “no modo de difundir a mensagem”. Já naquela época, o cardeal marcava a diferença dos séculos chamados de cristãos, mesmo com defecções e traições, respeito a “um mundo pagão que rechaça em bloco todas as obrigações do cristianismo”. Em seguida, Fisichella detém-se nos aspectos do panorama da cultura atual, da missão da Igreja, da tensão entre verdade e amor. Toca o ponto concreto do sentido da confissão sacramental. Avança para a questão da identidade e pertença e da questão da catequese. Termina acenando para a nova antropologia em curso que se centra no sujeito com enormes consequências para a vida cristã. Faz alusão específica ao matrimônio.

Ao abordar os novos evangelizadores, situa primeiro o chamado comum a todo cristão para ser evangelizador. Especifica a reflexão, ao tratar separadamente os presbíteros, os religiosos e os leigos. Cada grupo desempenha papel próprio na tarefa comum de evangelizar. Visam a atingir todas as pessoas.

A beleza merece um espaço à parte. O seu aspecto evangelizador depende a que ela remete. Há belezas que se vendem baratas na propaganda, em programas de TV e nos sites. Elas nos prendem no mundo sensível e despertam, não raro, para os instintos sexuais. A beleza evangelizadora vai noutra direção. Eleva-nos a mente para a contemplação do Infinito de Deus. Reflete o esplendor da ordem que se funda no próprio Criador e manifesta-nos faceta de sua presença entre nós. Contemplativos construí-

ram mosteiros em lugares maravilhosos para o monge elevar com a vista sensível até o mistério invisível de Deus.

A arte, a liturgia, as construções das Igrejas e das catedrais carregam enorme potencial evangelizador pela beleza que ostentam. Cabe chamar a atenção dos fieis para os sinais de Deus aí presentes. Às vezes, muitos passam à margem de tanta maravilha e não se deixam tocar pela presença do Senhor.

No embalo de tais considerações, faz linda reflexão sobre a Igreja da Sagrada Família de Barcelona. Desvenda a teologia com que o arquiteto Gaudí a impregnou. A leitura desse capítulo permite ao visitante da Igreja ter outra visão. Vale a pena lê-lo antes de adentrar o santuário.

Breve síntese final fecha o livro. Temos nele bom instrumento para aprofundar a atual mobilização em torno da nova evangelização. Grupos de estudos de tal tema encontram aí matéria para ulteriores reflexões e debate. Na perspectiva latino-americana, que brota de Medellín e segue animada pela teologia da libertação, temos aspectos importantes a ampliar o estudo. A presença dos pobres, as comunidades eclesiais de base, os planos de evangelização da CNBB, obras de teólogos do Continente certamente trazem aspectos novos e que complementam e enriquecem a leitura. No final, teremos visão ampla e contextualizada da nova evangelização

J. B. Libanio

PEREIRA, William Cesar Castilho. *O Sofrimento psíquico dos presbíteros. Dor institucional*. Vozes: Petrópolis, 2012, 1 vol. br., 22, 9 x 15, 9 cm, 542 p. ISBN 978-85-326-4341-4.

William Cesar Castilho, doutor em psicologia, psicanalista, analista institucional, professor de psicologia na PUC-Minas, tornou-se conhecido por suas obras, artigos e conferências, sobretudo na área da psicologia da vida religiosa e presbiteral, à qual dedicou seus últimos trabalhos. Seu livro sobre a formação para a vida religiosa: *“A formação religiosa em questão”*, publicado pela Editoria Vozes, obteve grande aceitação e está na segunda edição. O livro sobre o sofrimento psíquico dos presbíteros nasceu de longo trabalho com presbíteros de todo o Brasil. Para além de seu trabalho junto aos padres, o livro é fruto de longos anos de cuidadosa pesquisa sobre este delicado assunto: o sofrimento psíquico dos presbíteros.

No primeiro capítulo, o A. apresenta detalhadamente o referencial teórico de sua análise do sofrimento do presbítero: a “*síndrome de burnout*”. O termo *burnout* designa, em inglês, uma chama que se extingue por completo. Ela define um distúrbio psíquico ligado ao exercício da profissão que extrai as forças, o envolvimento pessoal e a satisfação, gerando intenso esgotamento físico e mental. A síndrome foi estudada preferencialmente nas categorias de profissionais que desenvolvem uma tarefa de ajuda. São numerosos os sintomas da *síndrome de burnout*: tristeza, vazio interior, despersonalização, alterações de comportamento, depressão, esgotamento, stress, insatisfação, recalque de conflitos internos etc. Embora haja abordagens teóricas diferentes sobre a síndrome, os autores são unânimes quanto aos seus traços característicos e suas consequências negativas na vida pessoal e profissional. O A. mostra, no entanto, que se há consenso quanto ao diagnóstico, não o há quanto à profilaxia e identifica duas propostas de tratamento.

A primeira o A. a define como *clínica disciplinar individual*. Nesse caso, dá-se atenção aos sintomas e se ignoram os fatores desencadeantes da síndrome. Ela se torna um problema do indivíduo, a ser tratado com medicamentos, sobretudo antidepressivos e ansiolíticos que aliviam a sensação de esgotamento físico e mental. Associa-se ao tratamento medicamentoso a terapia individual, visando à elaboração pessoal dos conflitos e sintomas. Nessa abordagem, segundo informa o A., não se questiona a instituição à qual o profissional pertence e sua implicação no processo de adoecimento psíquico do indivíduo. A segunda proposta de tratamento, segundo o A., se define como *clínica psicossocial institucionalizada*, cuja abordagem da síndrome emerge de uma epistemologia interdisciplinar. Parte do pressuposto de que os aspectos da existência humana são diversificados. O homem se constitui como ser psíquico, biológico, social. Seus problemas se compreendem à luz de sua inserção numa realidade concreta que envolve suas relações. Portanto, a clínica psicossocial institucionalizada, sem negar a necessidade de tratamento medicamentoso e psicoterápico para a *síndrome de burnout*, inclui na sua abordagem a análise das organizações e instituições, em vista de chegar à causa do problema, que nunca se encontra somente no indivíduo, mas na teia de relações estabelecidas dentro da instituição. A intervenção para solucionar a crise chega, pois, à instituição. Se também essa não for devidamente tratada, o profissional não supera satisfatoriamente a *síndrome*. Aqui o trabalho se torna mais exigente, porque envolve todos os membros da instituição.

No segundo capítulo, o A. faz um longo estudo da *síndrome de burnout* entre os presbíteros. A síndrome, nesse caso, passa a se chamar *síndrome do bom samaritano desiludido por compaixão*. Em suas pesquisas, o A. constata que os presbíteros relatam os mesmos sintomas da síndrome descritos por profissionais de outras áreas: cansaço, tristeza, desilusão, esgotamento, perda de motivação para o trabalho, despersonalização, mudanças de

humor e comportamento, depressão, vazio existencial etc. Tais sintomas se relacionam, no entanto, com o exercício do ministério presbiteral. Concretamente, os presbíteros reclamam de uma sobrecarga de trabalho, muitas vezes burocrático e repetitivo, com pouco retorno afetivo. Denunciam frustrações graves no contato com os paroquianos e insucessos pastorais. Há, ainda, dificuldades de convivência entre os próprios presbíteros, marcadas por rivalidades explícitas ou camufladas, busca de prestígio e de paróquias ricas. A distribuição de cargos e funções na diocese nem sempre se baseia no princípio da justiça. Muitos relatam perda da busca da intimidade com Deus na oração, com queda no nível da espiritualidade e despersonalização. Permanece certa desconfiança da instituição. Alguns lamentam o recente retrocesso na inclusão dos leigos na vida da Igreja. A multireferencialidade atual faz o presbítero se questionar sobre sua identidade presbiteral, marcada por perda de status e privilégios numa sociedade mais secularizada e socialmente menos cristã. Tudo isso provoca baixa autoestima e enfraquecimento do sentimento de pertença ao presbitério. Muitos enfrentam sérias dificuldades para suportar a solidão, a qual se acrescentam os problemas de ordem afetivo-sexual, de manejo nem sempre fácil do ponto de vista psico-espiritual. O A., além de mostrar, com pesquisas confiáveis, as causas do sofrimento do presbítero hoje, faz uma longa análise da situação da Igreja antes e depois do Concílio Vaticano II, enfatizando as consequências das mudanças socioculturais e históricas na vida da Igreja e na sua organização hierárquica. De fato, a Igreja ressentida ainda hoje a mudança de paradigma de uma sociedade pré-moderna (cristandade) para uma sociedade moderna e pós-moderna (secularização). A passagem da unidade forte, centralizadora e rígida para a fragmentariedade frágil, o diálogo e a democracia fez emergir desafios de difícil solução. Na opinião do pesquisador, do ponto de vista histórico, a *síndrome de burnout* desponta como consequência de profundas mudanças de paradigma na filosofia, nas ciências humanas e na cultura, com as quais a instituição não sabe lidar de modo satisfatório.

No terceiro capítulo, o mais denso do livro, o A. se debruça sobre a análise dos sintomas da *síndrome de burnout* entre os presbíteros e o faz a partir de um sólido referencial teórico, que leva em consideração aspectos sociais e psicológicos, sobretudo psicanalíticos. Procura mostrar os impactos da pós-modernidade sobre a vida presbiteral. Na verdade, profundas mudanças socioculturais estão na origem da síndrome do *bom samaritano desiludido*. Uma vez que a vida dos presbíteros está imersa na sociedade, não se pode negar a influência que novos paradigmas sócio-históricos exercem sobre ele. O referencial do A., no entanto, não se restringe a análises meramente teóricas, mas inclui seu longo trabalho com presbíteros de diversas dioceses. Sua abordagem une a teoria com longa escuta, no processo de análise, dos problemas dos presbíteros. A temática do capítulo se revela vasta, complexa e até polêmica. Mas o A. consegue abordá-la de maneira equili-

brada, apontando a espiritualidade do presbítero como lugar de unificação do exercício do ministério com as demandas subjetivas. Muitas vezes, a ausência do cultivo da espiritualidade desencadeia desilusão, tristeza e perda de motivação. Partindo de um estudo das motivações vocacionais, o pesquisador analisa o imaginário vocacional do jovem, marcado por idealizações e fantasias que se chocam com uma realidade institucional complexa. Normalmente, as vocações nascem nas famílias rurais, ainda bastante tradicionais, que apoiam a vocação do filho. Outros se descobrem vocacionados através da pastoral de juventude paroquial. Uma vez no Seminário, tendem a uma relação de submissão à autoridade, em vista da conquista do objetivo. No discernimento vocacional, há sempre o latente e o manifesto, como esclarece o psicanalista. O latente costuma emergir depois que o seminarista se tornou padre, a não ser que a formação esteja aberta para acolher a verdade conflitiva do jovem e para ajudá-lo a fazer um caminho de crescimento psico-espiritual.

De acordo com suas pesquisas, o A. constata que os relatos dos presbíteros revelam insatisfações com a convivência no presbitério, marcada por disputas, desavenças e, às vezes, desconfiança. Nem sempre os presbíteros sentem que sua relação com o bispo e com os colegas se realiza dentro de um equilíbrio sadio. Há rivalidades, busca de paróquias mais rendosas e de maior prestígio na diocese. Por outro lado, o modelo paroquial tradicional atravessa uma crise, causada pela emergência de um modelo midiático de evangelização, que diminui o sentido de pertença a uma paróquia territorial e confunde os paroquianos. A pluralidade de movimentos, espiritualidades, estilos e modos de anunciar o evangelho deixa a sensação de certa falta de rumo. A relação entre padres e bispos não permanece imune ao processo das transferências. A relação com a autoridade conjuga sempre amor, ódio e outros sentimentos. Muitos presbíteros falam da solidão como um desafio. Embora necessária para o processo de individuação e para a relação saudável com o outro, quando não é bem elaborada, causa muitos transtornos afetivos.

Nesse capítulo, o A. ousa abordar o tema polêmico da afetividade e da sexualidade do presbítero. Seu discurso não se prende à frieza acadêmica, mas nasce da escuta profissional e comprometida dos presbíteros. De fato, a questão se revela espinhosa, a sexualidade permanece, muitas vezes, no âmbito do latente e a pressão institucional exerce certo controle dessa dimensão da vida do presbítero. No entanto, os temas da sexualidade, mormente da homossexualidade, emergem com força em conversas informais entre os presbíteros. Seus testemunhos são contundentes e alguns verbalizam, inclusive, uma divisão entre presbíteros homossexuais e heterossexuais, que disputam poder e prestígio. O A. analisa, ainda, a questão da pedofilia e da efebofilia, apresentando suas causas e possíveis tratamentos. Avalia também a questão do poder e do dinheiro na vida do presbítero.

Após análise acurada da ocorrência da *síndrome de burnout* entre os presbíteros, o A. se debruça, no quarto capítulo, sobre as alternativas para a superação da síndrome, propondo a pastoral presbiteral. Seu enfoque se apoia nos dispositivos da clínica psicossocial, que, como explicitado no primeiro capítulo, envolve os profissionais – presbíteros – e a instituição – a Igreja – no tratamento dos conflitos que estão na origem da síndrome. O A. sugere que a pastoral presbiteral inclua três dimensões importantes: eclesial, espiritual e pastoral. A pastoral se concretiza com a criação de grupos terapêuticos onde os problemas sejam tratados de forma transparente e respeitosa. A clínica psicossocial, nesse caso, não se define como lugar de pessoas doentes, mas lugar de cuidado com a saúde, em todos os seus níveis. Seu ambiente se revela agradável e democrático. Como psicanalista, o pesquisador propõe a “fala” como excelente método de cura das questões pessoais, pastorais e relacionais. Afinal, o que não pode ser falado, também não pode ser curado. O A. fornece, ainda, amplo material metodológico em vista da viabilização da pastoral presbiteral nas dioceses, a ser alavancada pelos próprios presbíteros, vistos como protagonistas de seus saberes, de sua produção e capazes de criar instrumentos para solucionar conflitos e problemas pessoais e pastorais. O A. disponibiliza uma série de propostas de encontros nos quais os padres verbalizam seus desafios e, juntos, organizam soluções possíveis. O objetivo final da pastoral presbiteral é dar mais qualidade à vida espiritual, psíquica e pastoral do presbítero, melhorando suas relações com o Bispo, com os outros presbíteros, com os fiéis e com ele mesmo. O A. apresenta a pastoral como forma saudável de lidar com os impactos negativos da pós-modernidade na vida do presbítero e como modo eficaz de superação da *síndrome do bom samaritano desiludido por paixão*.

William nos brindou com um texto profundo e consistente sobre a *síndrome de burnout* entre os presbíteros. Seu trabalho se mostra pioneiro no contexto da Igreja no Brasil. Partindo da análise sociocultural, histórica e psicanalítica (clínica psicossocial), apresenta ao leitor um livro maduro e equilibrado, que ousa enfrentar temas delicados, como o sofrimento psíquico do presbítero, de maneira discreta e respeitosa da instituição. Sua abordagem corajosa da questão da sexualidade, sustentada não só na teoria psicanalítica da sexualidade, mas na experiência da escuta e do trabalho com os presbíteros, reclama respeito. Hoje muito se escreve sobre a crise da instituição e do exercício do mistério presbiteral. Mas poucos autores têm a segurança, a experiência e a “neutralidade” do professor William. Ele não faz críticas gratuitas à instituição, seu objetivo se resume no desejo de ajudar os presbíteros e a Igreja no manejo de suas delicadas crises atuais. Seu trabalho evidencia grande conhecimento da situação hodierna dos presbíteros, em suas dimensões mais cruciais. E o melhor é que William não somente aponta problemas, conflitos e desafios, mas investiga minuciosamente suas possíveis causas, evitando soluções prontas

e apontando caminhos possíveis em vista de soluções reais e não ideais, a partir da pastoral presbiteral, alicerçada no trabalho da clínica psicossocial. Seu livro se destina a todos os estudiosos da análise institucional e, é claro, aos presbíteros e aos bispos abertos à discussão sobre os problemas que afligem a Igreja e a vida dos presbíteros. Sua leitura ilumina, enriquece, faz despontar horizontes novos de compreensão da realidade atual e deixa o grande desafio da pastoral presbiteral como caminho possível de cura e de prevenção de conflitos psíquicos, espirituais e pastorais.

Paulo Sérgio Carrara, CSsR

TUÑI VANCELLS, Josep-Oriol. *El don de la verdad: el evangelio según Juan como revelación de Jesus*. Santander: Sal Terrae, 2012. 21x15cm. 263p. (Presença Teológica, 194). ISBN 978-84-293-2040-4.

Saudamos mais uma obra 'joanina' de Tuñi Vancells (nasc. 1938, jesuíta, professor emérito ligado à Facultat de Teologia de Catalunya). Obra escrita *ex plenitudine cordis*, cheia de ricas intuições nascidas de longa docência. Tendo a terra do A. tradição de originalidade, procurei imediatamente o que a obra tem de mais original e encontrei-o no Apêndice do último capítulo! Querendo apresentar uma chave para o evangelho de João (EvJo), o A. escreve: "Finalmente, ofreceré [...] una respuesta que [...] no ha tenido todavía un defensor que la haya desarrollada en toda su dimensión" (p. 242). Esta chave não está na reconstituição de uma história linear em João, tarefa impossível, nem na narratologia ou nos temas e festas, mas na hermenêutica. A chave é o Paráclito, que dá sentido às palavras e gestos de Jesus e é comparado ao 'anjo intérprete' da literatura apocalíptica canônica e extracanônica. Em analogia com essa hermenêutica de duas fases (os 'enigmas', sonhos, símbolos etc., e o esclarecimento) percebemos duas camadas no EvJo. A interpretação que o Jesus narrativo às vezes acrescenta aos sinais (p. ex. no cap. 6) "vem precisamente da luz do Paráclito" (p. 245). Sem falar dos comentários extradiegeticos do próprio evangelista. Por isso o EvJo é "dom da verdade", como diz o título do livro, e "o verdadeiro autor [é] o Paráclito" (ibid.).

A primeira camada do EvJo, a tradição joanina, não é transparente para o grupo em torno do autor. Serve para o narrar, mas o sentido do narrado está num nível mais profundo. "Buscar o fio de argumentação [...] no nível da narração e da materialidade das palavras é buscá-lo onde não se quis colocá-lo. [...] Não pode oferecer uma trama ao leitor" (p. 246). A trama não é narrativa, mas teológica, "embutida em alguns gestos e palavras que são aprofundados e desentranhados pelo autor (o Paráclito)

e por Jesus” (ibid.). Revelação em dois momentos: “estamos no próprio coração da apocalíptica” (ibid.).

Isso tem a ver com a Sabedoria nas tradições judaicas: é o que nos sugere o Prólogo. O EvJo coloca as tradições acerca de Jesus no quadro do mito da Sabedoria, que tem como pergunta central o mistério de sua revelação: onde se encontra a Sabedoria? Os judeus respondiam: na Torá, nos mandamentos. Eclo 24 diz: depois de ter percorrido o mundo, fez morada em Sião. 1Henoc 42 diz: junto aos anjos. O EvJo diz: na ‘carne’ de Jesus que fez morada entre nós (Jo 1,14.16-17). A busca da Sabedoria em Jesus é o fio condutor do EvJo (p. 249; remetendo a J. Ashton). Jesus é a Sabedoria de Deus que vem cumprir sua missão no mundo e volta ao Pai. Visão já expressa por J. Hoskyns em 1940 (citado na p. 251: “Não podemos deixar de lado o aspecto não histórico como interpretação joanina. Antes, é o verdadeiro sentido da história apresentada”). De passagem: Hoskyns viu no EvJo uma apresentação mais coerente, quanto ao sentido, do que a tão bem-estruturada apresentação das tradições sobre Jesus nos sinóticos.

O primeiro capítulo é dedicado ao Prólogo, com inclusão do episódio do Batista e dos primeiros discípulos. O A. acentua a tradição da Sabedoria em Israel. “Não são os cristãos joaninos [...] que deixam a sinagoga. [...] Não foi uma iniciativa dos cristãos” (p. 33). Porém, o modo como a comunidade joanina entendeu o projeto de Deus não era de fácil compreensão para a sinagoga, que a expulsou. O A. vê no Prólogo a trama que se estende sobre todo o evangelho: a Sabedoria vem de Deus, é rejeitada, mas se manifesta aos que creem e consuma sua obra na volta a Deus. O Prólogo marca o “espaço teológico” de Jesus, espaço que ele nunca abandona e que é vigente sempre (p. 49). A apresentação de Jesus pelo Batista e a adesão dos primeiros discípulos (1,19-52) são vistas nesta perspectiva. Na mesma linha sapiencial, o capítulo II insiste no tema da busca (p. 71), e os ‘sumiços’ de Jesus em determinados momentos da sua atividade pública têm a ver com isso: Jesus nem sempre está ao alcance, ele tem seu espaço próprio (p. 73).

O capítulo III trata do contexto cultural, religioso e teológico do EvJo: o pano de fundo judaico. Depois de descrever o judaísmo no tempo de Jesus e a expulsão da comunidade joanina, o A. trata do EvJo como obra judeo-cristã: a teologia judaica dos cristãos joaninos (a não apostasia da fé judaica; a glória como densidade de Deus); os mediadores no judaísmo e a mediação de Jesus (culminando na unidade com o Pai e a confissão de sua divindade); o messianismo de Jesus; o misticismo dos visionários; o uso e sentido do Antigo Testamento; Jesus como centro do Antigo Testamento. “A forma em que o EvJo interpreta o judaísmo é profundamente judia: o faz em forma profética, portanto, parte do judaísmo para ir além do judaísmo” (p. 142).

No capítulo IV, o assunto é a despedida de Jesus (Jo 13–17), promessa de sua presença (p. 161). O A. dirige a interpretação no sentido da presença de Jesus, num futuro próximo, na existência cristã pós-pascal (“aquele dia”, 14,20; 16,23.26). Quanto ao texto de 14,3, observa: “Esta entrada dos crentes na casa do Pai não pode referir-se ao fim dos tempos. A casa do Pai é o lugar onde Jesus sempre está. [...] O que se nos está dizendo nos textos sobre o retorno de Jesus é que Jesus introduzirá os crentes na família do Pai, que é a metáfora da comunidade dos discípulos que Jesus acaba de constituir no gesto simbólico do lava-pés” (p. 164s). Estranhei que o A. não alega, para esta interpretação, o significativo texto 14,23 (“Se alguém me ama obedecerá à minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos morada nele”). Nesta nova presença de Jesus o Paráclito é, evidentemente, um tema central.

No mesmo capítulo, o A. vê a nova presença de Jesus como formulação do “crer” típico do quarto evangelho, a fé madura à qual o EvJo conduz o leitor. Nos discursos de despedida, a *fides quae creditur* – Jesus – é apresentada como completa, mas o que se deseja explicar é o caminho para chegar até aí, a *fides qua* (p.169). E este caminho se revela na relação de Jesus com o Pai: “a metáfora familiar”. Inclui também a nova presença de Jesus no discípulo, a mútua imanência, o “permanecer”. Esta presença se realiza mediante a experiência do Espírito: “Insistimos em que o Espírito na tradição cristã não tem rosto. Quando chega o Espírito, o que aparece é o a imagem de Jesus” (p. 184). “O que com o passar do tempo a tradição cristã chamará ‘o mistério da Trindade’ é a explicitação dos diversos momentos e aspectos da experiência religiosa segundo a tradição joanina” (p. 185). Na dinâmica da gratuita autocomunicação de Deus, o que João chama “a Vida”, enquanto dom recebido e plenificador, tem um nome: Espírito Santo (p. 185).

Fundamental é também a afirmação, no comentário sobre Jo 17, de que a ‘glorificação’ se refere à morte de Jesus: “Notemos: a morte de Jesus é a glorificação do Filho do homem. Não se diz que a glorificação seja o sentido da morte, nem que a ressurreição seja a interpretação de sua morte” (p.189). A permanente união de Jesus com o Pai faz com que a morte seja glorificação, momento de plenitude, e a cruz, ‘exaltação’.

À luz desta compreensão, o último capítulo (cap. V) faz a exegese da paixão, morte e ressurreição. A exaltação/elevação de Jesus na cruz é o centro referencial de todo o evangelho. No início do relato, a prisão de Jesus tem caráter de teofania (Jo 18,7-8), e o gesto final de Jesus é a entrega do Espírito (19,30.34). Nesta exaltação, a ressurreição toma corpo como início da nova presença de Jesus, diferente da anterior (“Não te agarres em mim”, Jo 20,17).

O que esta “paixão gloriosa” tem a ver com o resto do evangelho? Não se dissolve aí a humanidade de Jesus? O EvJo não quer provar a huma-

nidade de Jesus, pressupõe-na. Quer mostrar a total pertença de Jesus ao âmbito de Deus. E a maneira como é narrada a atividade pública de Jesus é, muitas vezes, uma antecipação daquilo que João descreve como a exaltação. Vida e morte de Jesus se integram mutuamente, encarnação e exaltação são inseparáveis. O Jesus do quarto evangelho é o da presença pascal, sempre entre o aqui e o ali, sempre vindo e se despedindo (p. 235s).

O A. faz uma profunda reflexão sobre a soteriologia, o dom da vida de Jesus. “O que dá a vida, na apresentação cristológica do EvJo, é a vida de Jesus” (p. 238). “Desde o ponto de vista soteriológico, o que salva na apresentação cristológica do EvJo não é a morte, mas a vida [...], uma vida humana, *sarx*, isto é, uma vida que inclui a morte” (p. 239). Segue então o acima referido Apêndice sobre o Paráclito como chave do quarto evangelho.

Na conclusão final, o A. lembra que o EvJo é, do início até o fim, aquilo que nos sinópticos é a Transfiguração: a expressão do divino em Jesus. Esta é a grande contribuição do EvJo ao cristianismo (p. 254). A identidade teológica inimaginável constitui o núcleo do EvJo. Como catalogar essa obra? João recorreu a muitos gêneros literários. Enquadrando-os no âmbito de Deus como marco da atuação de Jesus, transformou-os em função do tema central que é o envio do Filho pelo Pai. Assim, os gêneros literários perderam sua especificidade diante do peso extraordinário do tema central (p. 255). Lembrando Mussner, Hoskyns e Ashton (o modo de ver Jesus é um dom de Deus), Tuñi afirma: o EvJo é uma confissão de fé que revela o dom da verdade (p. 256). Na humanidade de Jesus se vê a glória de Deus, pelo Espírito. No modo como João narra a vida terrena de Jesus “aquilo que Jesus é para os verdadeiros cristãos, ele já o era em sua vida terrena” (p. 257, citando Hoskyns).

O EvJo é como um grande discurso de despedida, evangelho mistagógico, que convida o crente a aprofundar a acolhida de Jesus e a ver, em Jesus-carne, não a *kénosis* sublinhada por Paulo, mas a plenitude da glória e da sabedoria de Deus. “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). E também a plenitude que a experiência do Espírito destina aos que crêem. Jesus aparece em sua plenitude, *fides quae*, que deve ser correspondido por uma *fides qua* com ela não sincronizada, de onde a continua dificuldade dos discípulos, que é também a dos leitores. Ler o EvJo como biografia é anacrônico, pois não a narrativa, mas a vinda do Espírito garante a fé. “Sin Espíritú, creer es imposible. En cambio, con el Espiritu la fe verdadera es también plenitud en nuestros dias” (p. 262).

Johan Konings, SJ

